Publicado em 22/04/2023 - 05:54

Discurso de ódio avança nas redes, assusta escolas e aciona alertas na sociedade

Discurso de ódio avança e acende alerta na sociedade

Denúncias de extremismo em plataformas digitais aumentaram nos últimos anos, em paralelo aos atentados em escolas

MARCELO GONZATTO
marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

Do outro lado da linha telefônica, o pesquisador da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) Daniel Cara interrompe a resposta e, depois de alguns segundos de silêncio, retoma o diálogo com ZH:

– Desculpe, é que tenho recebido muitas denúncias e ameaças de violência em colégios no celular. Chegou mais uma agora – explicou-se o especialista no tema da violência no ambiente estudantil.

Em questão de dias, a enxurrada de relatos e suspeitas já acumulava mais de mil mensagens no telefone do professor, que é uma das referências nacionais na área e ajudou a elaborar documento sobre esse tema no grupo de transição do atual governo federal.

Na avaliação de especialistas, a onda de atentados e de ameaças sobre as escolas se consolidou devido à tolerância em relação à proliferação do discurso de ódio pela internet nos últimos anos, que permitiu a grupos vinculados à extrema direita migrarem de fóruns obscuros para redes sociais de uso comum e influenciar número cada vez maior de jovens, inclusive no Rio Grande do Sul.

O ciberespaço se tornou um ponto central de cooptação de adolescentes e articulação de ataques nos últimos anos. Na quarta-feira, por exemplo, policiais cumpriram mandados em cinco Estados e apreenderam 10 suspeitos de utilizar uma plataforma online para combinar agressões.

Escalada

Dados da Safernet, organização de defesa dos direitos humanos no mundo virtual, confirmam o avanço do radicalismo digital: no ano passado, foi registrado número recorde de 74 mil relatos de crimes envolvendo discurso de ódio em espaços como fóruns ou redes sociais, em disparada de 67,7% em relação a 2021.

Para Daniel Cara, essa escalada indica que o poder público e as empresas de tecnologia não fizeram o necessário para monitorar e barrar as manifestações contra segmentos da sociedade como mulheres, negros ou a população LGBT+:

> *Houve permissividade em relação ao discurso de ódio, o que gera uma situação favorável para a ocorrência desses ataques em escolas.*
>
> **DANIEL CARA**
> Pesquisador da USP

> *As plataformas ficam muito aquém no combate a esse tipo de discurso porque só funcionam na base da punição.*
>
> **DAVID NEMER**
> Professor na Universidade da Virgínia

– Houve permissividade em relação ao discurso de ódio, o que gera situação favorável para a ocorrência desses ataques em escolas. É óbvio que nenhuma autoridade pública apoia ou concordaria com esses atentados, mas, nos últimos anos, houve permissão por parte de algumas dessas autoridades a manifestações misóginas, racistas e sexistas.

Os registros disponíveis demonstram que esse cenário coincidiu com um salto jamais visto da violência escolar no Brasil. Levantamento realizado por ZH com base em pesquisa da Universidade de Campinas (Unicamp) e em casos noticiados pela imprensa indica que, desde 2002, houve pelo menos 24 atentados que deixaram feridos ou mortos. Pouco mais da metade (13) ocorreram desde o ano passado.

O professor e pesquisador no Departamento de Estudos de Mídia na Universidade da Virgínia (EUA) David Nemer afirma que a permissividade com o clima de agressividade no universo virtual envolve diferentes poderes e as big techs:

– Viu-se tolerância muito grande, sim, que podemos ver pelo grande número de denúncias e de ações judiciais envolvendo questões como racismo ou homofobia em plataformas online. É uma falha sistêmica, porque o sistema judicial não consegue absorver todas as denúncias, é muito demorado, não há cobrança de fato por parte das autoridades perante as plataformas, e as plataformas ficam muito aquém no combate a esse tipo de discurso porque só funcionam na base da punição. Como não há punição, são mais do que tolerantes.

Perfil

Nemer, que é especialista em antropologia da informática, sustenta que sempre existiram extremistas na internet. Mas, recentemente, houve mudança em seu perfil de atuação.

– Eles costumavam ocupar espaços na periferia do debate online, na dark web (*parte mais oculta da rede que só pode ser acessada com ferramentas ou autorizações específicas*), em plataformas de difícil acesso ou em fóruns conhecidos só entre eles. Com a popularização de aplicativos que permitem troca de mensagens criptografadas, como WhatsApp ou Telegram, vieram mais para o centro do debate público – alerta o especialista brasileiro radicado nos EUA.

Essa mudança de posicionamento consolida a ascensão de uma extrema direita ultraconservadora que privilegia o status de homens brancos em detrimento de mulheres, negros e gays, muitas vezes associada a movimentos neonazistas. Símbolos que remetem ao reich alemão foram utilizados no ano passado, por exemplo, por um adolescente que jogou bombas contra uma escola em Monte Mor (SP), por outro que fez quatro vítimas a tiros em Aracruz (ES) e, neste ano, por um adolescente de 14 anos de Maquiné, no litoral gaúcho, detido sob suspeita de planejar ataque a um colégio. Em sua casa havia materiais como bandeira nazista e foto de Adolf Hitler.

Nem sempre os agressores se unem a esses grupos por razões ideológicas complexas:

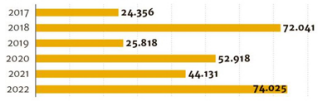
– Muitos não têm o neonazismo como referência de ação política, mas apenas de discurso de ódio.

Ameaça em números

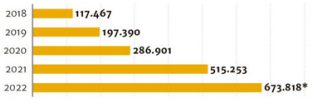
Dados indicam agravamento do cenário de violência no país com impacto nas escolas

7.473
denúncias envolvendo ameaças a escolas foram registradas pelo canal Escola Segura do Ministério da Justiça em 10 dias

RELATOS DE CRIMES DE ÓDIO PRATICADOS PELA INTERNET TÊM TENDÊNCIA DE AUMENTO



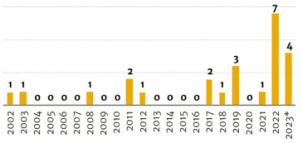
REGISTROS ATIVOS DE CACS (CAÇADORES, ATIRADORES DESPORTIVOS E COLECIONADORES DE ARMAS) NO PAÍS CRESCEU QUASE SEIS VEZES DESDE 2018



*Até julho

QUANTIDADE DE ARMAS EM ACERVOS PARTICULARES NO BRASIL
4,4 MILHÕES
Deste total
2,887 milhões em acervos particulares (não institucionais) e situação regular
1,542 milhão com registros expirados (situação irregular)

NÚMERO DE ATAQUES A ESCOLAS QUE DEIXARAM FERIDOS OU MORTOS DISPAROU



*Até abril
Obs.: Os gráficos não guardam proporção entre si.
Fontes: Safernet, Anuário Brasileiro de Segurança Pública, Unicamp, portais de notícias

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Insegurança na Educação **Pagina:** 14

Copyright © Clipclap 2025.